

Innocence Project e a reconstrução da verdade no caso Igor Barcelos

Maria Eduarda Lavocat

“Vai pulando que nem saci! Você não aprendeu a atirar em policial? A roubar polícia? Agora vai pulando.” “E eu dizia: ‘Mas eu não fiz nada, eu nem sei o que está acontecendo.’”

Foi assim que Igor Barcelos Ortega descreveu o tratamento que recebeu na delegacia, momentos depois de ser baleado na perna. O jovem havia sido reconhecido erroneamente pela vítima de um crime, a partir de uma foto tirada por um policial enquanto ele recebia atendimento médico no hospital.

Igor não era o criminoso que a Justiça procurava. Ainda assim, por causa de um reconhecimento falho e apressado, passou três anos da própria vida preso por um crime que não cometeu.

A história de Igor Barcelos Ortega começa em 2 de outubro de 2016. Naquela noite, ele, o irmão e um amigo participavam de uma festa no bairro Jardim Corisco, em São Paulo. De lá, seguiram para outra balada, no Recanto Verde. Pouco depois de deixar o local para abastecer sua moto, Igor foi atingido por um disparo de arma de fogo.

Levado ao hospital em estado grave, acabou sendo erroneamente identificado como criminoso. A confusão teve início quando um policial tirou uma foto de Igor ainda no leito hospitalar e a mostrou à vítima de um assalto ocorrido a cerca de 24 quilômetros dali, em Guarulhos. A vítima o reconheceu como o homem que havia roubado seu carro e tentado roubar também o veículo de um policial militar, com quem os autores do crime trocaram disparos.

Apesar de existirem provas de que o autor dos crimes não poderia ser Igor Barcelos, ele foi condenado a 15 anos e seis meses de reclusão pelos crimes de roubo e tentativa de latrocínio. Diante da situação, após o trânsito em julgado da condenação, a advogada que atuou em favor do jovem ao final do processo procurou o Innocence Project Brasil para indicar o caso.

Provas da inocência

Dessa forma, Dora Cavalcanti, diretora do Innocence Project Brasil, passou a atuar no processo. Segundo a advogada, havia inúmeras provas sólidas da inocência de Igor. Ela conta que o caso teve início com o roubo de um carro cometido por quatro pessoas. Com o veículo, elas tentaram assaltar um policial militar. “Nesse momento, houve uma troca de tiros, mas o policial não

Innocence Project Brasil



Igor Barcelos Ortega ao lado de seus avós e irmão celebrando a liberdade após passar 3 anos preso injustamente

reconheceu Igor. O reconhecimento partiu apenas da primeira vítima, a do carro roubado”, explica.

Durante o julgamento que levou à condenação de Igor, as provas de defesa incluíam os depoimentos de dois amigos e do irmão do jovem, que confirmaram estar com ele naquela noite. “A prova mais importante, porém, era um conjunto de imagens de câmeras de segurança de uma vendinha e de um ponto de ônibus na Avenida Zefirino Fagundes, na Zona Norte de São Paulo”, afirma Dora.

As imagens mostram Igor no exato momento em que ele próprio foi vítima de um crime. O histórico da noite estava todo documentado: ele saiu de casa, foi a um aniversário, depois a uma balada com amigos e, de madrugada, saiu com o irmão e outro amigo para abastecer a moto. Nas gravações, é possível ver Igor e os rapazes em duas motos quando um carro para, alguém mostra uma arma e ele cai ferido. O vídeo mostra o carro fugindo e, logo em seguida, o jovem sendo socorrido.

Foi nesse hospital, segundo a advogada, que ocorreu o chamado “show up”, um reconhecimento irregular e unipessoal. A polícia mostrou a foto de Igor ainda na marca, ensanguentado, para a vítima, dizendo algo como: “Esse rapaz tomou um tiro, pode ser um dos que te assaltaram?”

“Foi esse reconhecimento, sem qualquer procedimento formal, que sustentou a condenação”, explica Dora.

Além dessas provas, a defesa apresentou um documento do hospital com o horário de entrada de Igor no pronto-socorro, comprovando que, no momento do crime em Guarulhos, ele já estava sendo atendido. “Ou seja, era impossível estar nos dois lugares ao mesmo tempo”, conclui a advogada.

Outra prova contundente veio da própria investigação policial. Dora explica que, como um dos crimes envolvia um policial militar, houve perícia detalhada com laudo do local e do carro alvejado. O policial relatou ter disparado cinco vezes: três tiros atingiram o carro e dois acertaram

um dos assaltantes, Rodrigo, que foi preso, confessou o crime e declarou nunca ter visto Igor antes de conhecê-lo no presídio. “Não havia, portanto, nenhum ‘sexto tiro’ que pudesse ter ferido Igor. Era fisicamente impossível que ele tivesse sido baleado naquele episódio”, reforça Dora.

A família também apresentou fotos do local onde Igor foi baleado, na Avenida Zefirino Fagundes, mostrando santinhos de campanha eleitoral espalhados pelo chão, já que o crime ocorreu na véspera da eleição, de sábado para domingo. “Um dos tênis de Igor, perdido ali, aparece nas fotos, provando que ele estava naquele ponto. Ele sangrava muito, perdeu parte da perna e ficou gravemente ferido”, relata a advogada.

Durante a audiência, as testemunhas de defesa — o irmão, um amigo e uma amiga — confirmaram todos os detalhes. Ainda assim, a juíza desconsiderou completamente os depoimentos e chegou a determinar a extração de cópias do processo para investigar eventual falso testemunho.